

# INVESTIGANDO A METÁFORA CONCEITUAL ATRAVÉS DA TEORIA E DA PRÁTICA

---

Sérgio Nascimento de Carvalho (UERJ)

**Resumo:** A metáfora tem sido, por muitas décadas, objeto de pesquisas em várias áreas dos estudos da linguagem. Essa motivação se justifica, principalmente, pela nova visão da metáfora como figura não só de linguagem, mas também de pensamento e ação. Assim sendo, a metáfora, antes considerada como simples ornamento típico do discurso poético ou retórico, passa a ter um estatuto sócio-cognitivo que se insere no centro da significação e da ação humana.

**Palavras-chave:** metáfora conceitual; visão tradicional; visão contemporânea, cultura.

**Abstract:** The study of metaphor in several areas of language has been for many decades a major field of research for metaphors are not mere poetical or rhetorical embellishment, but are a part of everyday speech that affects the ways in which we perceive, think and act. Thus, metaphors hold a socio-cognitivist status which take them to the core of signification and of human action.

**Key-words:** conceptual metaphor, traditional view contemporary view, culture.

A leitura das obras tradicionais sobre figuras de linguagem nos leva a observar que os estudiosos da metáfora seriam unânimes em afirmar que ela sempre esteve ligada à poesia e à retórica (visão tradicional), diferentemente do que constatamos hoje. No próprio Aristóteles, o primeiro estudioso do assunto, já encontramos a afirmação de que *metaphorá* tinha um pé em cada campo, como lembra Filipak (1983). Fazia-se uma distinção clara entre a linguagem poética e a linguagem do dia-a-dia, onde a primeira era vista como um Dom especial dos poetas, por exemplo, e a Segunda como a linguagem de todos.

A partir desses novos estudos da metáfora, podemos entender a metáfora a partir de duas vertentes principais: a metáfora lingüística (estruturam os sistemas conceituais a partir do que compreendemos do mundo e da forma como agimos nele), que seria aquela que se materializa verbalmente pelo falante de uma língua e a metáfora conceitual, aquela estruturada no pensamento humano (cf. LAKOFF & JOHNSON, 1980). As metáforas lingüísticas podem ser classificadas, tradicionalmente, como: “mortas” (dead) e “vivas” (live). Desta feita, a chamada “metáfora morta” é aquela que, na verdade, não é mais uma metáfora e sim, uma simples expressão que não tem mais um uso metafórico. Assim sendo, um leitor competente de inglês não compreenderia a expressão tão familiar “falling in love” (estar/ficar apaixonado) como uma metáfora (cf. BLACK, In ORTONY, 1979).

Dentre as máximas tradicionais atribuídas à metáfora (cf. POLLIO, 1990), destacamos:

1. figuras de linguagem tais como: metáfora, oxímoro, símile, ironia, etc., são eventos lingüísticos especiais que não ocorrem freqüentemente na fala, escrita ou pensamento;
2. uso figurado não é útil conceitualmente: quando usado, tem o papel de ludibriar o pensamento ou de embelezar as idéias prosaicas;
3. linguagem figurada, anomalia, tolice e uso literal são categorias psicológicas distintas da linguagem;
4. a paráfrase de uma figura de linguagem tem o mesmo significado da própria figura original;
5. a linguagem figurada depende e/ou origina-se da linguagem literal;
6. as crianças não entendem ou usa da linguagem figurada até a idade 11 a 12 anos;
7. há universais figurados que existem nas línguas, eras históricas e agrupamentos culturais.

Entretanto, muitos pesquisadores afirmam que a linguagem comum, aquela usada pelo homem no seu cotidiano, é plena de

metáforas. Usamos essas metáforas de forma tão natural que não nos apercebemos de sua existência (cf. COHEN, 1975; LAKOFF & JOHNSON, 1999). Coracini (1991) afirma que mesmo a linguagem científica, que supomos ser literal, é rica em metáforas e cita a classificação das células como *idosas, mães, filhas, companheiras*, nas ciências biológicas.

A observação de que a linguagem é impregnada de metáforas levou muitos estudiosos (LAKOFF & JOHNSON, 1980, 1999; ORTONY, 1993; KÖVECSES, 2002) a terem uma nova visão de mente. A metáfora começou a ser vista como um elemento importante no processo de entendimento da própria compreensão humana e não mais como um simples ornamento do discurso.

Para Lakoff & Turner (1989), a metáfora é uma figura de linguagem que compra seletivamente destacando as qualidades de um sujeito consideradas importantes para aquele que a usa. Para eles, a metáfora é uma ponte que liga domínios semânticos diferentes fazendo, assim, com que percebamos novos caminhos para a compreensão do sujeito. A metáfora é uma maneira de expandir os significados de palavras além do literal ao abstrato e uma maneira de expressar o pensamento abstrato em termos simbólicos.

Outros (POLLIO et alii, 1990) comentam que o processo de construção da metáfora parece se dar na tentativa de fazer o mundo abstrato compreensível ou em trazer o mundo para dentro de nós mesmo ou de irmos até ele.

Cacciari (1998) diz que o ser humano ao pensar em proferir uma sentença, ele tem a sua disposição várias escolhas entre elas a de que forma ele deseja se expressar: literalmente, ironicamente, metaforicamente entre outras. Entretanto, muito pouco é conhecido sobre o que leva o sujeito a escolher o registro preferido. Assim sendo, a metáfora lingüística desempenha um papel importantíssimo no nosso discurso diário e no processo de formação do nosso pensamento (cf. HIPKISS, 1995; GIBBS, 1994; LAKOFF, 1987; e TURNER, 1991, 1996).

A função da metáfora é, assim, a de estender as capacidades de comunicação e conceitualização do ser humano. A metáfora é uma “janela” para os sistemas do conhecimento que são relevantes e centrais em uma determinada cultura.

Dentre todos esses atributos conferidos à metáfora, cabe também ressaltar que ela carrega consigo argumentos emocionais que nos levam a tomar alguma ação ou pelo menos dar apoio àqueles que a usam (cf. MIO et alii, 1996). Enfim, a metáfora é vista como um elemento de elo entre os argumentos lógicos e emocionais. Como tal, ela nos dá aquele sentimento de que estamos nos comportando racionalmente, embora possa não ser a verdade. Esta capacidade da metáfora de persuadir as pessoas tem apoio de vários pesquisadores como Bowers & Osborn (1996), Read et alii (1990) e Reinsc (1971), conforme afirma Mio (1996). No entanto, outros – como Bosman & Hagendoorn (1991) – não atribuem tanta eficácia à sua função de persuasão. E há quem atribua a ela um mecanismo de persuasão somente para certos tipos de pessoas. São os casos de Bosman (1987) e Johnson & Taylor (1981), ainda nos termos de Mio (1996).

Como pudemos observar, existem vários pontos positivos sobre o papel da metáfora lingüística no que diz respeito à comunicação. Entretanto, a verdadeira quebra de paradigma dos estudos da metáfora foi além dos seus “elogios” em termos do seu papel lingüístico/ comunicativo, introduzindo a noção de que mais do que uma figura de linguagem, temos na metáfora uma metáfora de pensamento.

Caberiam, então, as seguintes perguntas: 1) Como o lingüista cognitivo passa da metáfora lingüística para metáfora conceitual? 2) Existe um procedimento claro para se identificar uma metáfora conceitual quando se encontra uma linguagem metafórica? Essas perguntas, sem dúvida, fazem uma ponte e, ao mesmo tempo, restringem mais e mais a relação entre metáforas lingüísticas e conceituais (cf. STEEN, 1999). Acredita-se como um ato de fé que determinadas metáforas na linguagem refletem

determinadas metáforas no pensamento. Isto não quer dizer que não existam elementos lingüísticos apoiando as metáforas conceituais. Esta afirmativa se evidencia através dos exemplos clássicos em Lakoff & Johnson (1980), Johnson (1987), Lakoff e Turner (1987, 1989 e 1993).

O grande divisor de águas do que se entendia por metáfora e a nova visão é a obra publicada pelo lingüista George Lakoff e pelo filósofo Mark Johnson, em 1980, intitulada *Metaphors we live by* (Metáforas da vida cotidiana), onde os autores começaram a discutir a natureza e a estrutura da metáfora sob uma nova perspectiva: ela é conceitual e tem grande influência em boa parte do pensamento e raciocínio do ser humano. Ambos contestam os pressupostos até então estabelecidos de que toda a linguagem convencional é literal, de que tudo pode ser descrito e entendido sem usar metáforas e de que apenas a linguagem literal pode ser falsa ou verdadeira (cf. LAKOFF, 1993).

Um exemplo de conceito metafórico é o da metáfora do canal, proposta por Reddy (in ORTONY, 1993 – 1ª edição em 1979), autor que teve influência sobre a obra dos primeiros (cf. PAIVA, 1989). De acordo com essa metáfora:

As expressões lingüísticas (palavras, sentenças, parágrafos, livro, etc.) são comparadas a vasos ou canais nos quais pensamentos, idéias, sonhos são despejados e dos quais eles podem ser retirados exatamente como foram enviados, realizando uma transferência de posse. (GREEN, in PAIVA, 1998, p. 15)

Exs.: Não consigo pôr minhas idéias em palavras.  
Quem te deu essas idéias.  
Até que enfim você conseguindo passar suas idéias para mim.  
Esse livro não traz muita coisa.  
Suas palavras não estão carregadas de convicção.

Zanotto (in PAIVA, 1998, p.16) diz que Green tem uma explicação muito feliz para essa metáfora da linguagem ordinária:

Admite-se comumente que a linguagem constitui um veículo para o pensamento, que as palavras expressam pensamento e fazem isso univocamente. Então você tem um pensamento em palavras, que levarão o pensamento, e qualquer pessoa racional e sensata que conheça a linguagem será capaz sem esforço de ver seu pensamento, de pegar sua idéia.

Baseados na visão cognitivista da metáfora (conceitos abstratos de natureza cognitiva que subjazem ao pensamento humano, norteados assim a linguagem e a maneira de o ser humano ver o mundo e se referir aos objetos que lhe servem como acervo), podemos identificar um grande número de metáforas conceituais, como nos exemplos abaixo:

(1) A RAIVA É UM COMPORTAMENTO ANIMAL

As amplas bombachas, adrede talhadas para a movimentação fácil sobre os baguais, no galope fechado ou no corcovar **raivoso**, não se estragam em espinhos dilaceradores de caatingas. (Euclides da Cunha)

(2) A RAIVA É UM FLUIDO

... a **raiva me cobria de suor** e essa **raiva aumentava o desejo...** (Cecília Prada)

(3) A RAIVA É UM FLUIDO AQUECIDO SOB PRESSÃO

Essa **raiva subiu** e eu fiz o refrão "Enfia essa esmola..." (Acontecendo-UOL: 08/03/2001)

(4) CORPO DA MULHER É COMIDA

Sheila Carvalho cansou de ficar nua para revistas masculinas e não quer mais ser **carne de açougue**. (Jornal da Mídia: 12/08/2004)

(5) TEMPO É DINHEIRO

Navegue rápido, **economize seu tempo**. Vá direto aonde você quer! (Propaganda da página jFast)

(6) IMPORTANTE É GRANDE

A reforma institucional é a **grande questão** (JB: 30/05/2004)

(7) DESEJAR É TER FOME

Sente-se no ar também uma grande **fome de chefes**. (Estado de S. Paulo: 22/06/2004)

(8) O SOLO / A TERRA É O PAÍS

**Ama** com fé e orgulho a **terra** em que nasceste. (Olavo Bilac)

(9) UM HOMEM DE NEGÓCIOS É UM JARDINEIRO

... fazer o jogo dos especuladores de plantão: **plantar** o caos para **colher** dividendos. (Revista MercoSul Magazine: 03/12/2001)

(10) A MORTE É UMA VIAGEM

Alma minha gentil, que **te partiste** / Tão cedo **desta vida** descontente. (Camões)

As metáforas são mapeamentos entre domínios conceituais: do domínio *fonte* para o domínio *alvo*. Assim sendo, levamos de um domínio para o outro nossos extensos conhecimentos sobre o domínio fonte e todas as inferências que podemos fazer nesse domínio para o domínio alvo. A estrutura DOMÍNIO ALVO É DOMÍNIO FONTE, em caixa alta, é usada como forma mnemônica de nomear esses mapeamentos metafóricos. Não confundir o nome do mapeamento com o próprio. *Mapeamento* é o conjunto de correspondências conceituais. Por exemplo, a forma mnemônica TEMPO É DINHEIRO refere-se ao conjunto de correspondências conceituais entre TEMPO e DINHEIRO.

Enquanto fenômeno, a metáfora envolve tanto os mapeamentos conceituais quanto as expressões lingüísticas. Porém, da perspectiva da teoria da metáfora conceitual, a língua é secundária, no sentido em que é o mapeamento que sanciona o uso da linguagem e dos padrões de inferência do domínio fonte para o domínio alvo (cf. LAKOFF, in ORTONY, 1993). Porque o foco de interesse é o mapeamento, o termo metáfora (termo aplicado tradicionalmente na poesia) refere-se ao mapeamento e não às expressões lingüísticas metafóricas. De forma que, quando os teóricos falam na metáfora "tempo é dinheiro", eles se referem ao mapeamento conceitual e à sua realização verbal; quando falam em expressões metafóricas, estão fazendo referência às ex-

pressões lingüísticas licenciadas pelo mapeamento (ex.: Economize seu tempo; Não tenho tempo suficiente para gastar com você.).

O sistema conceitual do homem, portanto, surge da sua experiência com o próprio corpo e o ambiente físico e cultural em que vive. Tal sistema, compartilhado pelos membros de uma comunidade lingüística, contém metáforas conceituais, sistemáticas, geralmente inconscientes e altamente convencionais na língua – i.e., várias palavras e expressões idiomáticas dependem dessas metáforas para serem compreendidas (cf. LAKOFF & TURNER, 1989, p. 51).

Lakoff & Johnson (1980, p. 57-8) nos mostram que grande parte das metáforas está relacionada à nossa orientação espacial: noções (como em cima / embaixo, dentro / fora, frente / atrás, centro / periferia) que emergem do fato de termos um corpo como o que temos e de interagirmos como interagimos com o nosso ambiente físico. Por exemplo, a noção EM CIMA emerge porque quase todo movimento que fazemos (ficar de pé, deitar para dormir) envolve um programa motor que muda, mantém ou pressupõe a orientação EM CIMA / EMBAIXO.

Essa noção gera um número grande de metáforas, tais como: ALEGRIA É PARA CIMA x TRISTEZA É PARA BAIXO; VIRTUDE É PARA CIMA x DEPRESSÃO É PARA BAIXO:

Hoje estou me sentindo pra cima; Você está de alto astral; Estou na fossa; Ela está pra baixo hoje.

Marta tem um alto padrão de comportamento; Maria tem uma mente superior; Este foi um truque baixo.

De acordo com a teoria, experiências físicas diretas como essas não são, todavia, inerentes ao tipo de corpo que temos, mas envolvem certos pressupostos culturais. Nos exemplos dados, a noção de verticalidade (EM CIMA x EMBAIXO) envolve o fato de vivermos um campo gravitacional com o que vivemos. Alguém que vivesse em condições diferentes no espaço sideral, por exem-

plo, sem outro tipo de experiência, não teria a mesma noção espacial. Contudo, apesar de toda experiência ter uma base cultural, ainda é possível fazer uma distinção entre experiências mais físicas (como levantar) e experiências mais culturais (como participar de uma cerimônia de casamento).

Da mesma forma, a experiência do homem com seu próprio corpo fornece rico subsídio para compreender conceitos em termos orientacionais (metáforas orientacionais). A experiência com objetos e substâncias físicas dá origem a metáforas ontológicas, que ajudam a entender outros conceitos envolvendo mais que mera orientação, como eventos, emoções e idéias. Identificamos nossas experiências como entidades ou substâncias que, como tais, podem ser categorizadas, agrupadas e qualificadas. Por exemplo, orientação DENTRO e FORA (o resto do mundo está fora). A partir dessa experiência, a noção DENTRO e FORA é projetada para outros objetos físicos que têm limites, bem ou mal delineados, tais como uma sala (Entrei em sala) ou uma clareira na floresta (Ficaram a noite inteira numa clareira), além de uma série de outras possibilidades, como o campo visual (Ele saiu do meu campo de visão), um evento (Eles estão fora da competição.), uma atividade (Entrei neste empreitada há dois anos). Tais elementos passam então a ser vistos também como recipientes com partes inteiras, externas e limites.

Segundo Steen (1999), o que se inscreve nos seus questionamentos em termos de mapeamentos conceituais são os passos que levam os lingüistas a chegar a esses mapeamentos a partir de expressões metafóricas no discurso. Esses passos, ainda segundo Steen, são inevitáveis quando se vai da identificação da metáfora lingüística para a conceitual. Ele sugere os seguintes passos:

1. Identificação do foco da metáfora (*metaphor focus identification*);
2. Identificação da idéia metáfora (*metaphorical idea identification*);

3. Identificação da comparação não-literal (*nonliteral comparison identification*);
4. Identificação da analogia não-literal (*nonliteral analogy identification*);
5. Identificação do mapeamento não-literal (*nonliteral mapping identification*).

Os três primeiros passos respondem às perguntas (1) O que é...?; (2) qual é o foco da metáfora? (3) qual é a proposição da metáfora? e (4) qual é a comparação metafórica? A questão (4) é a mais difícil, pois requer o preenchimento de espaços vazios na analogia com base na interpretação de foco e identificação de veículo interagindo mutuamente. Contexto e uso de linguagem “default” podem ser a resposta para essa questão. Essa resposta deve ser vista como um alicerce para a construção de um mapeamento não – literal, que por sua vez deverá ser examinado no discurso confiável da lista, mas sem dúvida alguma, essencial para se entender a metáfora como um conjunto de correspondência conceitual. Quanto ao passo (5), o autor menciona que aquele atua como o verificador do passo (4), detalhando suas consequências de uma maneira mais complexa e explícita.

Portanto, só é possível falar e entender metáforas porque existem metáforas no sistema conceitual humano. Seu uso é automático, não exigindo, portanto, o esforço de interpretação, fazendo parte do modo de pensar de uma comunidade linguística (LAKOFF & JOHNSON, 1980, p. 210). Conhecemos o mundo por meio dos objetos que o constituem; entendemos esses objetos por causa dos conceitos inerentes a eles e por meio das relações existentes entre eles; as palavras têm significados fixos; o conhecimento “objetivo” é o conhecimento real, verdadeiro. Então, na visão objetivista, “digerir” (uma idéia, por exemplo) não é mais visto como uma palavra metafórica, e sim, literal, homônima de uma outra palavra digerir.

A visão tradicional não nega a sua origem metafórica, mas entende que, uma vez convencionalizada, digerir morreu como

uma metáfora e congelou seu significado metafórico antigo com um novo significado literal (LAKOFF & JOHNSON, 1980, p 211-2). Todavia, para a lingüística cognitiva, a chamada linguagem literal está repleta de metáforas e de forma sistemática. Desse modo, “digerir uma idéia” não é uma metáfora isolada, mas parte de um grupo de outras expressões em que idéias são faladas em termos de *comida* (ibid, p. 46).

Resumindo, para Lakoff & Johnson (1980), existem semelhanças que podem não estar baseadas em conceitos inerentes. As semelhanças surgem como resultado de metáforas conceituais e devem, contudo, ser consideradas interacionais e não inerentes. Estaríamos, assim, ampliando nossas habilidades em entender certos aspectos importantes da nossa interação com o mundo e da nossa realidade, como em:

- (a) Ele me deixou com um gosto ruim na boca.
- (b) O que temos nesse papel não passa de fatos crus, idéias meio cozidas e teorias subaquecidas.
- (c) Não dá para engolir nenhuma dessas idéias.
- (d) Ele devorou o livro.

A visão tradicional da metáfora é sustentada pelo Lakoff e Johnson (1981) chamam de mito do objetivismo e do subjetivismo, há a motivação humana para o entendimento do mundo externo e de seus aspectos internos, respectivamente. Na visão experimentalista, essas duas formas de entendermos o mundo não são, necessariamente, opostas. O que difere do modo de pensar experiencialista é o fato de separar o homem do meio. Para o objetivismo, o homem deve controlar o meio, para o subjetivismo, o homem deve vencer a alienação que o separa do meio e de outros homens. O mito experiencialista vê o homem como parte do meio em uma relação de transformação mútua por meio da interação constante de negociação, tendo como consequência o entendimento.

No caso específico da metáfora conceitual identificada na pesquisa que ora desenvolvemos (intitulada O ACONTECIMENTO/EVENTO “x” É UM ATO DE GUERRA), a motivação inicial foi o artigo “Quando as palavras perdem a força” (O Globo, 14/09/2001), baseado por sua vez em um artigo escrito por Howard Kurtz, do Washington Post. O artigo do jornal norte-americano tratava da dificuldade dos jornalistas encarregados da cobertura do ataque aéreo de 11 de setembro de 2001 de expressar a sua estupefação e choque diante do acontecido em termos apropriados. Nele, havia o comentário feito pela crítica do The New York Times, Michiko Kakutami, ao captar a enormidade do que havia acabado de acontecer: “As palavras falharam esta semana”. Expressões do tipo: “além da compreensão”, “além de nossos temores”, “além da imaginação” foram ouvidas à exaustão naqueles dias. Enquanto lutavam para tentar compreender e descrever os eventos da manhã daquela terça-feira, as pessoas lançavam mão de metáforas e analogias que pudessem captar o horror do que haviam visto. Entre elas: “um círculo do inferno de Dante”, “a erupção do Monte Santa Helena”, “Inverno nuclear”, “à beira da cratera de um vulcão”, “maior que Hindenburg”, “maior que o Titanic”, “Pearl Harbor”

Em um pequeno discurso na manhã seguinte ao ataque às Torres Gêmeas e ao Pentágono, o Presidente Bush prometeu vingança: “Não faremos distinção entre os terroristas que cometeram esses atentados e quem os abriga”, sem identificar esse inimigo.

O “vazio semântico” mencionado acima levava as pessoas a se reportarem metaforicamente à situação vivenciadas ou conhecidas, já legitimadas lingüisticamente, para poderem preencher esse hiato de significação referente a uma experiência totalmente inusitada. Deu-se, então, um processo de transformação semântica de (re)significações de um fato, a princípio “inominável”, que só podia ser referido e qualificado através de múltiplas metáforas e marcas lingüísticas, e que passou, consensualmente, a ser visto, compreendido e referido como um “ato de guerra”:

- (a) “How to fight this foe” (Newsweek, 24/09/01)
- (b) “This is Pearl Harbor, 21<sup>st</sup> century” (NYT, 12/09/01)
- (c) “A doutrina Bush construiu um novo inimigo, mas conservou-se fiel ao espírito da cruzada” (Época, 18/03/02)
- (d) “Ataque originou raro momento de consenso” (O Globo, 24/09/01)
- (e) “EUA ainda analisam estratégias de ataque” (O Globo, 18/09/01)
- (f) “Bush has called Americans to war, but to win it will take years” (Newsweek, 24/09/01)
- (g) “Why are the terrorists targeting us?” (NYT, 14/09/01)
- (h) “... but now that war has been declared on us, we will lead the world to victory...” (NYT, 14/09/01)
- (i) “Nessa guerra, não há imunidade e não pode existir neutralidade” (Época, 18/03/02)
- (j) “Quando Bush anunciou a Guerra ao Terror” (Época, 18/03/02)

Não era de se estranhar que, a partir daí, o governo americano, “em estado de guerra”, passasse a tomar um conjunto de medidas justificadas por essa significação.

Esse vazio, porém, foi aos poucos dando lugar a uma alternativa conceitual que trazia consigo elementos característicos do domínio da “guerra”. Um acontecimento, que passou a ser abordado como um ato de guerra, me levou a observar a presença do conceito de “guerra” em vários outros acontecimentos, menos ainda relacionadas com a guerra, mas que pareciam, de alguma forma, desencadear “atos de guerra”. Na mesma época, por exemplo, a mídia brasileira estava repleta de notícias sobre o combate ao dengue. Outros exemplos dessa natureza abundavam em jornais e revistas. Essas observações motivaram-me a postular uma hipótese, ainda não teoricamente informada na época, de que poderia haver uma tendência de transformar determinado acontecimento/evento em ato de guerra, para que certas medidas pudessem

ser tomadas, justificadas, e socialmente aceitas e legitimadas. Essa hipótese embrionária pressupunha uma visão mais substancial do processo pelo qual determinados fenômenos são conceituados e vivenciados através de outros. E é desta maneira que o conceito de metáfora surge como ferramenta epistemológica para uma investigação para uma investigação sistemática em torno da questão que agora se coloca como foco da pesquisa.

Dentro dessa perspectiva, pretendo com esse estudo investigar as metáforas que transformam, discursivamente, fatos/acometimentos e “atos de guerra”. A pesquisa investiga a hipótese de que essas metáforas são, freqüentemente, usadas para justificar uma ação ou re-ação, como no ataque terrorista de 11 de setembro, ou então a utilização de “estratégias de guerra”, como no caso do combate ao dengue no Brasil, da luta contra o tráfico de entorpecentes e a violência no Brasil, entre outros que adotaremos – diferente da visão tradicionalmente usada para se compreender e investigar esse tropo:

(1) A “guerra” na Saúde:

- (a) “As ações para combater à epidemia” (O Globo, 09/03/02)
- (b) “População ainda pode se engajar” (O Globo, 09/03/02)
- (c) “Estou na luta contra o dengue e ... todos tomem suas precauções para vencermos o mosquito” (O Globo, 09/03/02)
- (d) “É preciso que toda a população se una para vencermos esta guerra” (O Globo, 09/03/02)

(2) A “guerra” na Violência Urbana:

- (a) “Bope identifica líderes de guerra” (O Dia, 31/05/02)
- (b) “... devido à guerra ao tráfico” (O Globo, 31/05/02)
- (c) “O rio vive uma guerra” (O Globo, 31/05/02)
- (d) “O investimento social é a melhor arma contra a violência” (O Globo, 13/06/02)

(3) A “guerra” na Economia/ Finanças:

- (a) “O Banco Central guardou a munição mais pesada de que dispõe para pôr um freio na especulação contra ao real.” (JB, 16/06/02)
- (b) “Não estamos em trajetória explosiva.” (J. do Comércio, 28/06/02)
- (c) “Os EUA abriram mais uma frente na guerra mundial do aço.” (O Globo, 01/06/02)
- (d) “CPMF, uma arma contra a sonegação.” (JB, 07/07/02)

(4) A “guerra” na Política:

- (a) “No PMDB, tumultos e agressões depois da batalha judicial da madrugada.” (JB, 16/06/02)
- (b) “Benedita vai intensificar ataques a Garotinho.” (O Globo, 20/07/02)
- (c) “Serra convoca a tropa.” (O Globo, 18/07/02)
- (d) “Estratégias para combater crescimento de Ciro.” (O Globo, 18/07/02)

(5) A “guerra” no Esporte:

- (a) “Temos que atacar os Croatas. Assim como todos os adversários.” (O Globo, 02/07/02)
- (b) “O início da luta pelo pentacampeonato.” (O Globo, 02/07/02)
- (c) “... melhor equilíbrio na hora de atacar.” (O Globo, 02/07/02)
- (d) “Felipão se preocupa com a falta de combatividade de Ronaldo...” (O Globo, 02/07/02)

Pretende-se, desta forma, mostrar como essa metáfora é determinante nas culturas americana e brasileira, nutrindo como toda metáfora conceitual, não só a linguagem, mas também o pensamento e a ação (cf. LAKOFF & JOHNSON, 1989, 1996). Além do aparato teórico da metáfora conceitual, a pesquisa fundamen-



ta-se em teorias que seguem o paradigma sócio-cognitivista de base cultural (cf. TOMASELLO, 1999).

Finalmente, podemos dizer que a metáfora não é apenas uma questão de palavras simplesmente. Ao contrário, o pensamento humano é fortemente metafórico. As expressões lingüísticas existem porque há metáforas no nosso sistema conceitual. Assim, as metáforas são analisadas como relações estáveis e sistemáticas entre domínio – alvo e domínio – fonte. A estrutura conceitual e a linguagem do domínio – fonte são usadas para retratar uma situação no domínio – alvo. E essa correspondência entre esses domínios é entendida como estrutura de conhecimento que fica dentro da memória.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSMAN, J. Persuasive effects of political metaphors. In: *Metaphor and symbolic activity*, 2, 1987, p. 97-113.
- & HAGENDOORN, L. Effects of literal and metaphorical persuasive messages. In: *Metaphor and symbolic activity*, 6, 1991, p. 271-92.
- BOWERS, J. W. & OSBORN, M. Attitudinal effects of selected types of concluding metaphors in Persuasive speeches. In: *Speech monographers*, 33, 1996, p. 147-55.
- COHEN, Ted. Metaphor and the cultivation of intimacy. In: SACKS, E. (ed.). *On metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1979, p. 1-10.
- CORACINI, Maria José. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. São Paulo e Campinas-SP: Educ e Pontes, 1991.
- FILIPAK, F. *Teoria da metáfora*. Curitiba: HDV, 1983.
- GIBBS, R. W. *The poetics of mind: figurative thought, language, and understanding*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1987.

- KÖVECSES, Zoltan. *Emotion concepts*. New York: Springer-Verlag, 1990.
- LAKOFF, George. The meaning of literal. In: *The metaphor and symbolic activity*, 1, 1986, p. 291-6.
- . *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- . The contemporary theory of metaphor. In: A ORTONY, A. (ed.), *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 202-52.
- & JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to Challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- . *Metaphors we live by*. Chicago: Harvard University Press, 1980.
- . & TURNER, M. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.
- MIO, J. S. & KATZ, N. (eds.). *Metaphor: implications and applications*. Lawrence Erlbaum Publishers, 1996.
- ORTONY, A (ed.) *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- PAIVA, V. L. M. (org). *Metáforas do cotidiano*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- POLLIO, H. et alii. Figurative language and cognitive psychology. In: *Language and Cognitive Processes*, 1990.
- STEEN, G. J. *Understanding metaphors in literature: an empirical approach*. New York: Longman, 1994.
- . Metaphor and discourse: towards a linguistic checklist for metaphor analysis. In: CAMERON, L. & LOW, G. (eds.) *Researching and applying metaphor*. CUP, 1999, 81-104.
- TOMASELLO, M. *The cultural origins of human cognition*. Cambridge-Mass: Harvard University Press, 1999.
- TURNER, M. *Reading minds: the study of English in the age of cognitive science*. Princeton-NJ: Princeton University Press, 1991.
- . *The literary mind*. New York: Oxford University Press, 1996.